

Preparativos para que se realizem as Batalhas de Flores

A fim de contactar com os componentes da Mesa da Santa Casa da Misericórdia de Loulé acerca das possibilidades da realização das Batalhas de Flores de 1965, o Sr. Governador Civil de Faro convidou os para uma deslocação àquele cidade.

O encontro já se efectuou e os resultados devem ser frutuosos, pelo que se prevê a efectivação dos nossos festeiros.

NOVEMBRO — 15
ANO XII N.º 311
1964

QUINZENARIO DE INFORMAÇÃO E PROPAGANDA REGIONALISTA

Composto e impresso na
TIPOGRAFIA UNIAO
Tel. 154 — Rua do Município, 12 — FARO

DIRECTOR

EDITOR E PROPRIETARIO

Jaime Guerreiro Rua José Maria da Piedade Barros

Redacção e Administração
GRAFICA LOULETANA
Tel. 216 — R. da Carreira — LOULE

Duarte Pacheco

Quando em 1951 me foi dada a honra de colaborar no *In Memoriam* em homenagem a Duarte Pacheco, sob o título Orgulho de Loulé, Honra da Nação, dizia a terminar o meu modesto artigo: Loulé tem de mostrar ao país que não é um povo de inferior nível social, ingrato e rude ao ponto de desconhecer o valor real dos seus filhos. Sem repudiar o projecto do monumento à sua memória, entregue à Câmaras e ao Estado, afigura-se-me da maior utilidade social fazer-se, quanto antes, em Loulé uma escola técnica, dar-lhe o seu nome, e no átrio de honra dessa escola colocar-lhe o seu busto em bronze, para atestar aos seus patrícios e para a história, de que aqui, em Loulé no dia 19 de Abril de 1900 nasceu Duarte Pacheco, uma

(Continuação na 2.ª página)

Pelo Dr.

Maurício Monteiro

aqueles portugueses de que reza a história: Antes quebrar que torcer...

O monumento, homenagem dos municípios e da Nação, obra admirável de uma elevada conciliação artística, já Loulé se orgulha de possuir. A escola técnica já funciona, constituindo um dos maiores esclarecidos e úteis melhoramentos valorativos que Loulé e o seu concelho desfruta: Muitas das

Recordar é viver

Uma figura HISTÓRICA natural de Loulé

O dia 16 do corrente, assinala mais um aniversário da trágica morte de Duarte Pacheco um dos vultos nacionais de maior projeção dos últimos cinquenta anos.

O seu curto trânsito pela vida, ceifado num trágico e emocionante desastre aos 45 anos, ficou assinalado na obra de resurgimento Pátrio, pela mais devotada e grandiosa consagração ao progresso de um Povo

(Continuação na 4.ª página)

Nota de J. R.

A nossa discordância quanto à projectada implantação da Escola Técnica na Quinta do Pombal, deu lugar a uma espécie de batalha de arqueiros que entre si tem trocado setas velozes.

Por vezes partem duas do mesmo arco antes que o parceiro (intencionalmente afastamos a palavra adversário...) tenha tempo para se rearmar.

Apesar de, por vezes um tanto aquedicas, cremos que as flechas, pelo menos nas intenções

(Continuação na 2.ª página)

AINDA O PARQUE E A ESCOLA

A construção do edifício para a Escola Técnica pode proporcionar a LOULÉ uma oportunidade ímpar de Vila se tornar uma grande e próspera

Por que se trata de um problema que deve preocupar todos os louletanos e amigos de Loulé, como município, entendo ser meu dever exteriorizar publicamente a minha modesta opinião acerca de um problema em debate na «Voz de Loulé» e que considero de transcendente importância para o futuro de uma terra que muito estimo.

E ao fazê-lo, pretendo exprimir a minha mágoa pela infeliz ideia de se pretender roubar

O aproveitamento termal da FONTE SANTA VAI SER UMA REALIDADE

O que nos disse o sr. general Antunes Cabrita Presidente do Conselho Administrativo da «Sotaqua»

Afora o atractivo efêmero das amendoineiras floridas, o nosso Algarve vivia num isolamento quase igual ao de há muitos séculos.

O fenômeno da afluência massiva dos turistas à terra algarvia, consequência natural dum apropriação intensiva por parte dos

nossos visitantes e dos organismos oficiais, atraiu as atenções de quantos se interessam pelo desenvolvimento do turismo no nosso País. Todos sabem que o Algarve ocupa o primeiro posto no plano do turismo nacional. E aos louletanos, em especial, não pode ser indiferente o que se pretende fazer no seu Concelho.

Pessoa amigo informou-nos de que se encontrava hospedado no Hotel do Garbe o Senhor General Antunes Cabrita, presidente do Conselho de Administração da «Sotaqua», sigla adoptada pela «Sociedade de Empreendimentos Turísticos de Quarteira». A fim de satisfazer a nossa própria curiosidade e a de muitos leitores igualmente curiosos em saber o que se pretende fazer na Fonte Santa, procurámos o ilustre militar, que, prontamente e com grande amabilidade, se prestou a responder às nossas perguntas:

— Constou-nos, Senhor General que como concessionária do direito de prospecção hidrológica da Fonte Santa, a «Sotaqua» pretende fazer, daquela nascente termal, uma das maiores estâncias balneares conhecidas?

(Continua na 4.ª página)



O Sr. General Antunes Cabrita responde às nossas perguntas

O CARNAVAL APROXIMA-SE

O tempo vai correndo veloz e os louletanos já começaram a interrogar-se mutuamente: «Haverá Carnaval este ano?» Ninguém o saberá ao certo, mas a resposta é sempre negativa... porque o Carnaval deste ano foi em Fevereiro... mas as pessoas é que gostam de brincar ao carnaval mesmo fora da época própria.

Concretamente não se sabe

ainda se se realizarão ou não as tradicionais Batalhas de Flores de Loulé de 1965. E é pena que assim seja porque em muitas terras se organizam excursões com cotizações semanais ou mensais para uma deslocação a Loulé e estas não terão certamente inscrições se a dúvida persistir.

Este pormenor poderá ter alguma importância na afluência de forasteiros, mas é apenas um pormenor. O que é realmente importante é que se não perca a tradição; o que tem realmente importância é que se não perca uma importantíssima fonte de receita para o Hospital de Loulé; o que realmente nos preocupa é

que Loulé deixe de proporcionar aos seus habituais visitantes um espetáculo garrido, de cér e beleza e que é um autêntico cartaz turístico da nossa província; o que é realmente desolador é pensar que a não efectivação do Carnaval de Loulé simbolizará a decadência da capacidade realizadora de um povo cujo bairrismo tem fama e que sempre se evidenciou entre as demais terras do Algarve.

A não realizar-se a nossa festa

(Continua na 4.ª página)

O afamado Carnaval de Loulé deve voltar a realizar-se no próximo ano

No Carnaval do corrente ano

as tradicionais festas de Loulé não se realizaram. Muitas pessoas, não avisadas desse facto,

ainda ali foram, principalmente na terça-feira, mas ficaram deslindados com a surpresa. Um desentendimento entre a provedoria da Misericórdia local e a presidência do Município fez suspender a tradição, o que causou prejuízos à beneficência e ao comércio local.

Aquela instituição não

recolheu prontos, que tão

essenciais seriam às obras de

beneficiência do seu hospital, e a

vila não recebeu, por outro lado,

os milhares de forasteiros que,

naturalmente, trariam grande

movimento ao comércio da re-

gião.

Tudo se conjuga, no entanto,

para que, no próximo ano, as

festas carnavalescas de Loulé

voltrem a realizar-se. O governa-

dor civil de Faro está, segundo

consta, empenhado em estimular

os bons louletanos que, no ano

passado, não se entenderam e,

tanto ali foram, principalmente

na terça-feira, mas ficaram des-

lindados com a surpresa. Um desen-

tendimento entre a provedoria

da Misericórdia local e a presi-

dência do Município fez suspen-

sar a tradição, o que causou pre-

juízos à beneficência e ao comér-

cio local.

Aquela instituição não

recolheu prontos, que tão

essenciais seriam às obras de

beneficiência do seu hospital, e a

vila não recebeu, por outro lado,

os milhares de forasteiros que,

naturalmente, trariam grande

movimento ao comércio da re-

gião.

Tudo se conjuga, no entanto,

para que, no próximo ano, as

festas carnavalescas de Loulé

voltrem a realizar-se. O governa-

dor civil de Faro está, segundo

consta, empenhado em estimular

os bons louletanos que, no ano

passado, não se entenderam e,

tanto ali foram, principalmente

na terça-feira, mas ficaram des-

lindados com a surpresa. Um desen-

tendimento entre a provedoria

da Misericórdia local e a presi-

dência do Município fez suspen-

sar a tradição, o que causou pre-

juízos à beneficência e ao comér-

cio local.

Aquela instituição não

recolheu prontos, que tão

essenciais seriam às obras de

beneficiência do seu hospital, e a

vila não recebeu, por outro lado,

os milhares de forasteiros que,

naturalmente, trariam grande

movimento ao comércio da re-

gião.

Tudo se conjuga, no entanto,

para que, no próximo ano, as

festas carnavalescas de Loulé

voltrem a realizar-se. O governa-

dor civil de Faro está, segundo

consta, empenhado em estimular

os bons louletanos que, no ano

passado, não se entenderam e,

tanto ali foram, principalmente

na terça-feira, mas ficaram des-

lindados com a surpresa. Um desen-

tendimento entre a provedoria

da Misericórdia local e a presi-

dência do Município fez suspen-

sar a tradição, o que causou pre-

juízos à beneficência e ao comér-

cio local.

Aquela instituição não

recolheu prontos, que tão

essenciais seriam às obras de

beneficiência do seu hospital, e a

vila não recebeu, por outro lado,

os milhares de forasteiros que,

naturalmente, trariam grande

movimento ao comércio da re-

gião.

Tudo se conjuga, no entanto,

para que, no próximo ano, as

festas carnavalescas de Loulé

voltrem a realizar-se. O governa-

dor civil de Faro está, segundo

DUARTE PACHECO

(Continuação da 1.ª página)

sus congêneres ostentam títulos representativos de altos valores regionais ou nacionais. A escola técnica da terra onde nasceu Duarte Pacheco não tem título ou nome a ilustrá-la. Dando à escola técnica de Loulé o nome de um dos seus mais ilustres filhos praticaria a terra que lhe foi berço uma das mais significativas e mais justas homenagens de reconhecimento ao Homem que, na mais bela quadra da sua vida, quando se vive ainda para nós mesmos, para o sonho e para o amor, se deixou absorver pelo febril desejo de trabalhar, construir, valorizar a Nação, a cujo serviço havia hipotecado a sua saúde e sacrificado a sua vida.

Tomo a liberdade de lembrar, ao devotado louletano e dedicado Presidente da Câmara Municipal de Loulé, para que empregue os seus melhores ofícios no sentido de, sem demora, ser dado à Escola Técnica o nome do grande construtor nacional e ilustre louletano: Duarte Pacheco. E quando, mais tarde, construída a escola definitiva, colocar-se-lhe no átrio o seu busto ou medalhão, para que a mocidade que ali for buscar saber e a sua preparação para a vida, possa inspirar-se no Homem de estudo e de ação que para o trabalho viveu e ao serviço da Nação entregou a sua alma a Deus. Há poucos dias, no Diário de Lisboa, um leitor desse jornal lançava a ideia de se perpetuar numa saudade em pedra a ação desse visionário criador que transformou a deserta terra de Monsanto num maravilhoso parque florestal, criando aí dois passos da capital o refúgio pulmonar dos lisboetas intoxicados, repleto de umbrosos recantos, onde as massas populares se recomfortam dos seus trabalhos e se desfruta do alto dos seus miradouros um dos mais belos panoramas do país. Tal iniciativa traduz justiça e agradecimento ao Homem que soube transformar um descampado em riqueza, o isolamento e a avidez em vida, movimento e beleza!

Associo-me inteiramente a esta iniciativa que será aplaudida pela opinião pública e deverá ter pronto execução por parte da Câmara Municipal de Lisboa, cuja cidade Duarte Pacheco tanto honrou e soube enriquecer com obras mais elevado interesse económico e social.

Tem agora a Câmara Municipal de Loulé mais uma oportunidade para prestar uma homenagem a esse grande construtor nacional, esse sacrificado da Causa Pública e seu ilustre filho que se chamou Duarte Pacheco, dando já sem demora, o seu nome à Escola Técnica, essa escola do trabalho que ele em vida tão generosamente soube glorificar!

Mauricio Monteiro

Maria do Rosário Mendonça

AGRADECIMENTO

José Rodrigues Apolinário e filhos, na impossibilidade de agradecer directamente, por falta de legitimidade de endereços, vêm, por este meio, testemunhar o seu reconhecimento a todas as pessoas que se dignaram acompanhar à última morada sua saudosa mulher e mãe, e às que por qualquer forma exteriorizaram os seus sentimentos de pesar, bem como àquelas que se interessaram pelo estado de saúde da saudosa extinta, durante a sua doença.

J. Pereira da Costa

ODONTOLOGISTA

Consultório:

Avenida José da Costa Meia-Lha, 39-1.º (em frente ao Cinema).

Telefone 114

LOULÉ

O PNEU que mais barato lhe sai por Km.
é o da

MABOR General
Agente em LOULÉ
Manuel de Sousa Pedro
Largo Dr. Bernardo Lopes

Batalhas de Flores

(Continuação da 1.ª página)

des oficiais e particulares, na realização das batalhas de flores que a nossa terra se tem esmerado em levar a efecto, para satisfação e encanto dos naturais e perfeito agrado das pessoas que nos têm honrado com a sua visita. Estas festas que têm sido um propósito firme e inabalável dos louletanos, têm gerado porém algum cansaço e quicá, mesmo, uma certa quebra de direcções. Razões para isso? Várias e variadas que objectivamente nos propomos apontar.

Em primeiro lugar, o desejo de realizar anualmente as batalhas de flores. Como todos sabem é fatigante e obriga à repetição incessante daquilo que já se fez. É muita a inventiva popular e algumas concepções de carros deixaram indeléveis recordações de beleza e de encanto, que todos lembram com enlevo e saudade, mas tudo cansa e extenua. A repetição anual dos festejos ocasiona diversas dificuldades, que nem sempre se conseguem superar.

Outra razão importante, pode filiar-se no facto das famílias da localidade que organizavam carros e os trazia para o certame tripulados por si ou pelos seus familiares, se terem ausentado da competição. Para estimular essa participação enveredou-se, sem dúvida, pelo caminho da concessão de subsídios para a manufactura dos carros. Isto que pareceria uma solução boa, tem-se revelado na prática inoperante, porque as famílias da localidade que poderiam fazer carro, não desejam esse desdouro. É humano e compreensível esse medo. E assim, preferem entrar como simples espectadores. É mais cômodo e não traz preocupações de nenhuma espécie, que só quem faz carro conhece e sabe avaliar.

Tem-se recorrido ultimamente aos carros de reclame comercial, os quais embora lindamente apresentados, não trazem contudo ao cortejo aquele espírito de poesia

Respigámos...

(Continuação da 1.ª página)

peit'mos, a dizer que não, talvez com o advento da «nova» poesia. Pobre Língua Portuguesa, para que mais estarás tu guardada?!

*

... dos jornais desportivos... o «míolo» do campo. Desde a idade do bibe e calção, sempre ouvimos falar no «míolo do campo», do centro e dos extremos. Mas, agora, os nossos críticos do futebol, e doutros desportos tomaram como bom, um termo que os brasileiros nos impingiram. E como a mania de imitar quanto vem de fora é superior às nossas forças de defesa do idioma pátrio, vá... «míolo» do campo.

Não seria melhor, de facto, que tais rabiscadores da prosa tivessem tento no «míolo»?

*

... deste próprio jornal, a boa nova de que R. P. volta, novamente, com o fulgor da sua inteligência e o brilho da sua pena, a colaborar n'A VOZ DE LOULÉ. Daqui desta bancada, lhe desejamos sinceramente, que as suas panóramicas se mantenham por muitos anos, em defesa do que em Loulé precisa de ser defendido.

Mário Lepo

Pensão Joaquinita

Por motivo de falta de saúde dos proprietários, arrenda-se ou trespassa-se a conhecida Pensão Joaquinita.

Tratar no próprio estabelecimento ou pelo telefone 13 — Loulé.

e encantamento, aquele espírito de desinteresse e beleza que caracteriza os carros alegóricos propriamente ditos sem qualquer mira de competição comercial. São aceitáveis em número diminuto e sem generalização, sempre perigosos.

Para conseguir dar vitalidade aos festejos, temos conhecimento do alívio de fazer comparticipar todo o Algarve na realização nas nossas batalhas de flores com carros alegóricos ou representativos do seu folclore ou artesanato, porque os festejos, trazendo ao Algarve inúmeros forasteiros, dão consequente desenvolvimento e proveito a muitas outras terras da Província. Sabemos bem intencionado o alívio, mas achamos, quanto a nós, impraticável essa comparticipação, pelas dificuldades de execução, e ainda pelas implicações que acarretaria, ferindo o baixismo e os sentimentos de altruísmo da nossa terra.

Como fazer então as batalhas de flores no próximo ano?

Solimão Fagundes

Quem são os valentes?

(Continuação da 1.ª página)

tais valentes, os tais que só falam quando nada têm a perder ou quando a sua presença já não é precisa para nada. E blasfemam contra a falta dos corteiros carnavalescos a qual (no dizer deles) lhes acarretam prejuízos (é aquí o ponto nevrálgico da questão!), porque, não sendo feitas as Batalhas de Flores, muitos forasteiros deixaram de vir ao Algarve e, deste modo, não metem nas suas algibeiras alguns milhares de escudos. Até aqui, tudo certo!

A efervescência foi morrendo naturalmente, as alterosas ondas foram acalmado e, por fim, tudo caiu na plácida quietude do silêncio e do esquecimento. Até...

... até que alguns jornais hebdomadários do distrito, pelo apelo dos seus redactores ou dos seus correspondentes, alertaram o problema e trouxeram ao círculo das suas preocupações. Faz-se ou não se faz o Carnaval de Loulé de 1965? Não nos consta, neste momento presente, que qualquer pessoa ou entidade com possível responsabilidade no desiderado tivesse informado fosse do que fosse sobre o caso (ter-se-iam esgotado os comunicados tão espalhados à folha larga, em Fevereiro passado?).

Não é aqui, today, que queremos chegar. Aonde pretendemos ir com esta desatavada lengalenga é um pouco mais longe. E exactamente chegar perto dos «valentes» de há oito meses e perguntar-lhes por que razão não aparecem agora a querer saber se há ou não batalha e, havendo a possibilidade da sua realização, porque não oferecem os seus préstimos, solicitamente, à respectiva Comissão Organizadora?

Os tais valentes que falaram depois dos factos consumados, deviam aparecer agora, imbuídos da mesma boa vontade de que se fizessem os Corteiros. E de boas vontades que Loulé precisa, certamente, e o seu Carnaval. De boas vontades sinceras e desinteressadas, entenda-se, já que os lucros, quando os há, se destinam a uma obra de benemerência de que toda a Província, em parte, beneficia.

Que apareçam pois, os tais valentes!

DINIZ AMARO

Do «Jornal do Algarve»

MEIO CAIXEIRO

PRECISA - SE

Tratar na Casa Vargas

LOULÉ

Novidades literárias

PELO PREÇO DE SALDOS

Escreva directamente à EDITORIAL — Apartado 2096 — Lisboa 2.

Envios à cobrança sem mais despesas. Peça catálogo do nosso fundo editorial, pois concedemos facilidades de pagamento.

LOTE 13 (54\$00): «Porque não vencemos?», de GOLDWATER; «Espíões atómicos» e «Um psicólogo num campo de concentração».

LOTE 14 (48\$60): «O Demónio do Mar Vermelho»; «Os grandes inventores» e «Lawrence da Arábia».

LOTE 15 (40\$50): «Pode mudar a sua vida pelo poder psíquico»; «O homem do Everest» e «Drogas maravilhosas».

LOTE 16 (54\$00): «Espionagem atómica» e «Piloto de guerra».

Chapa Ondulada de Alumínio para Coberturas de ALCAN S. A.



- Não oxida
- Não require pintura nem conservação
- Mais leve, pelo que as estruturas ficam mais baratas
- Reflete o calor
- Fácil de montar

DISTRIBUIDORES GERAIS PARA O ALGARVE

MAREFA

Materiais & Representações de Faro, Limitada

Rua Dr. Cândido Guerreiro, 21-B — FARO

AGENTES GERAIS :

SANTOS MENDONÇA, L. DA

Lisboa

Porto

POSTAL de FARO

Movimento Citadino

A extraordinária expansão que a capital algarvia tem vindo a registar nos últimos anos é um facto evidente que dividimos exista alguém que lance uma dúvida sobre esta verdade. Com esse desenvolvimento um outro factor tem também surgido, e cremos que em todo o mundo, e se refere à complexidade do trânsito. E já considerável o número de veículos que circulam na cidade, que momentaneamente na parte baixa não dispõe de artérias suficientemente amplas que permitam um normal escoamento desse trânsito em condições eficientes.

E surgem tantas vezes cruzamentos onde a vida humana perige e o que é mais grave já motivando desastre mortal. Alguns como se imponha numa cidade evoluída dispõem do seu sinaleiro, esse útil controlador do trânsito. Mas lamenta-se que em cruzamentos difíceis, mas de dificuldade de primeira ordem, não disponham do agente da autoridade que disciplinas o trânsito e acatualmente tanta vida humana. De particular modo nos queremos referir ao cruzamento da estrada de circunvalação com as ruas Horta Machado e de S. Luís e ao existente frente à Caixa Geral de Depósitos. Neste último já existiu um sinaleiro mas por razões que o público não vislumbra foi retirado, com evidente prejuízo de condutores e peões. Se ao menos ali existisse as faixas de passagem para peões! Mas nem isso! No outro, sito perante do mercado e ponto obrigatório de passagem para a quase to-

talidade de quantos percorrem a província algarvia do barlavento para o sotavento ou no sentido inverso, ainda há poucos dias foi a vez de um ciclista ser gravemente atropelado por um automóvel. Temos de concordar com a maior honestidade de que os peões não foram implantados para substituir os sinaleiros. Pois aqui como em todos entre casos assim nada existe como o animal pensante.

Heróis de Portugal, Presente!

No dia de finados, em que os cemitérios se povoados de quantos numa romagem de sentida saudade vão depositar sobre as campas dos entes queridos, flores que traduzem no seu simbolismo não só uma homenagem como uma amizade evoluída dispõem do seu sinaleiro, esse útil controlador do trânsito. Mas lamenta-se que em cruzamentos difíceis, mas de dificuldade de primeira ordem, não disponham do agente da autoridade que disciplinas o trânsito e acatualmente tanta vida humana. De particular modo nos queremos referir ao cruzamento da estrada de circunvalação com as ruas Horta Machado e de S. Luís e ao existente frente à Caixa Geral de Depósitos. Neste último já existiu um sinaleiro mas por razões que o público não vislumbra foi retirado, com evidente prejuízo de condutores e peões. Se ao menos ali existisse as faixas de passagem para peões! Mas nem isso! No outro, sito perante do mercado e ponto obrigatório de passagem para a quase to-

João Leal

BOLIQUEIME PADARIA

Arrenda-se ou trespassa-se uma padaria, com casas de habitação anexas.

Tratar com Eduardo Lisboa Correia — Telef. 104 — Boliqueime.

Dá explicações do 1.º ciclo liceal e instrução primária, em regime particular ou em curso.

Nesta redacção se informa.



SILVES moderniza-se

SILVES — Acaba de ser aberta ao público, a Loja da Companhia Singer, na Rua Ellas Garcia, N.º 31, desta cidade, que ficou sendo um moderno estabelecimento, de linhas elegantes e de bom gosto, sem dúvida um dos melhores desta progressiva Silves.

A Companhia Singer vem demonstrando ser seu firme propósito contribuir, quanto possível, para a modernização de localidades como aquela, correspondendo assim ao magnífico acolhimento e simpatia que a Singer tem encontrado ali nos seus clientes.

A nova Loja foi entregue ao Agente Singer local, Sr. Amâncio Conceição dos Santos, pessoa que sempre tem sabido merecer a confiança e a estima de todo o bom povo do concelho de Silves.

O novo estabelecimento destina-se, além de exposição e venda da já muito variada e bem conhecida gama de produtos Singer, ao ensinamento de Bor-

Recordar é viver!

Uma figura Histórica natural de Loulé

(Continuação da 1.ª página)

feita pelo próprio génio que o concebeu e realizou.

Não viajou nem para si nem para os seus o homem que em dois períodos bem curtos de passagem pelo Ministério das Obras Públicas e Comunicações, programou e realizou a maior e mais imponente escala de melhoramentos públicos, com uma ideia de grandeza inatingida ainda em Portugal.

Obra vasta, profunda, só própria de um génio e de um espírito de élite, talhada com um dinamismo e vontade férrea inebriante, preciso foi que a celasse rudemente, abruptamente e mesmo assim ao serviço da Nação, para que se interrompesse.

Como exemplo e paradigma de virtudes, a sua ansiedade de perfeição criou escolas e tornou-se fonte de inspiração que se tem continuado a projectar em herança, dos seus sucessores.

Se levarmos em consideração que toda essa gama de empreendimentos e realizações se processou apenas em 9 anos de governo, teremos uma nítida

A VOZ DE LOULÉ

N.º 311 — 15-XI-1964

Tribunal Judicial da Comarca de Loulé A N Ú N C I O 2.ª publicação

Pelo Juiz de Direito desta comarca de Loulé e 1.ª secção de processos, n.º 100, autos da acção de divisão de coisa comum n.º 124/63, em que são A. A. José Francisco Soares e mulher Maria Rodrigues Falcão Pires Soares, proprietários, moradores em Lisboa, na Rua Luciano Cordeiro, n.º 41 e R. R. Maria Teixeira Falcão Duarte, viúva, doméstica, residente no sítio do Freixo Seco, freguesia de Salir, desta comarca e OUTROS, é citado o réu ANTONIO MARTINS GUERRERO, casado, agricultor, actualmente em parte incerta e com a última residência conhecida no País na dita freguesia de Salir, no sítio da Pena, para contestar, querendo, apresentando a sua defesa no prazo de 10 dias que comece a correr depois de finda a dilacão de 30 dias, contada da 2.ª e última publicação deste anúncio, sob a cominação de se proceder a adjudicação ou à venda do imóvel cuja divisão se pretende e que é constituído por uma couraça de terra de semear com árvores, denominada «Casa-rão» ou «Loendreiro», no sítio do Freixo Seco, freguesia de Salir, inscrita na matriz sob o art.º 14.563, como tudo melhor consta do duplicado da petição inicial que se encontra à disposição do citando, nesta secção.

Loulé, 24 de Outubro de 1964

O Juiz de Direito,
(a) José António Carapeto
dos Santos
O escrivão de direito
(a) João do Carmo Semedo

A VOZ DE LOULÉ
N.º 311 — 15-XI-1964

Tribunal Judicial da Comarca de Loulé A N Ú N C I O 1.ª publicação

Pela 2.ª Secção da Secretaria Judicial desta comarca de Loulé, corre os editos de Vinte DIAS, contados da segunda e última publicação deste anúncio, citando os credores desconhecidos dos executados ANTONIO RODRIGUES CAÇAPO e mulher DIONILDE PALMEIRA ALEIXO CAÇAPO, ele operário e ela doméstica, moradores em Frechen Bel Kohn Henrichstr. 8, Bei Nebelina, Alemania Ocidental, para no prazo de DEZ DIAS posterior àquele dos editos, deduzirem os seus direitos na execução ordinária que aqueles executados movem os execuentes Joaquim Agostino Cebola e mulher Maria Palmeira Aleixo, do sítio dos Quartos, freguesia de São Clemente, concelho de Loulé, desde que gozem de garantia real sobre os bens penhorados.

Loulé, 3 de Novembro de 1964

O escrivão de direito
(a) Henrique Anatolio Samora
de Melo Leote
Verifique a exactidão
O Juiz de Direito,
(a) José António Carapeto
dos Santos

VENDE-SE

Um monte, no sítio da Cabaneta (Loulé) que se compõe de terra de semear com alfarobertas, oliveiras, figueiras, amendoeiras, etc., com casa de habitação e dependências agrícolas.

Tratar com Joaquim Ramos Seruza — Rua 5 de Outubro — Loulé.

Agradecimento

A família de Adelaide Maria Eusébio Rodrigues, no desejo de evitar qualquer falta involuntária, vem, por este meio, patentejar a todas as pessoas o seu profundo reconhecimento e a sua gratidão pelas manifestações de pesar que lhe testemunham por ocasião do falecimento da sua chorada parente e bem assim às que se dignaram acompanhá-la à sua última morada e se interessaram pelo seu estado durante a doença que a vitimou.

Panorâmicas de Loulé...

(Continuação da 1.ª página)

cialmente nos sábados à tarde e apesar do trânsito ali ser só permitido para carga ou descarga, é fácil ver o elevado número de raparigas que perseguem as raparigas que se servem da mesma arteria, ou para irem às lojas ou para passeio, montados nas suas motorizadas em velocidade reduzida, dizendo piropos ou mostrando apenas a sua superioridade estética.

E, mal vai, se alguém se lembrar de lhes dizer que a rua não é de trânsito, porque com a irreverência própria da época, acrescida do orgulho da vaidade ferida, ouve recriminações e respostas grosseiras quando não insultos.

Por outro lado, o número de automóveis estacionados nessa rua que, como dissemos é vedada ao trânsito, é também inexplicável, sobretudo à noite em que a desculpa de carga ou descarga é puramente aleatória.

E eis como a rua, que deveria ser de trânsito reservado a peões se tornou numa das ruas mais reservada a veículos automóveis.

*

Que tremendo pesadelo eu tive uma destas noites!

Sonhei que o nosso concelho estava em almoço.

Ainda tremia, horas depois de acordado e ter largado o leito, alarmado com a alucinação que me transformara o espírito.

Parecia-me sentir ainda nos ouvidos a algazarra tremenda, a confusão diabólica, a gritaria dos crocitos que ia naquela Praça enorme, onde pululavam vendilhões e pregoeiros, procuradores, agenciários, corretores, comissionistas, avaliadores, árbitros, medidores e trigonométristas, especuladores, regatões... uma multidão heterogênea de traficantes!

Constava que um grupo de teocratas, determinara que tudo era legítimo vender-se acraticamente, sem regra nem preceito, ao sabor da melhor oferta ou da maior necessidade de compra.

Insana, desbragada e revoltante, aquela determinação que degenerava em fórmulas de cabulacho e de cambio, criava um espírito de comercialização avultada, talvez com melhor tradução por pirataria.

Na órbita da mesma vinham

todos os factores da velhacaria, a derrota de todos os princípios de integridade e pudor e decência com o estabelecimento da desvalorização, libertinagem de processos. Era enfim o salve-se quem puder... e tiver tempo.

O concelho fora dividido em lotes para uma partilha total! Ruas, casas, quinhais, becos e praças, quintas, herdes, couras, cercas ou quintais tudo era vendável!

Apenas era obrigatório um manifesto por parte de quem se afirmasse responsável pela transação e as licitações sucediam-se por ordem cronológica desses manifestos, que eram algures colecionados, revistos, apreciados e ligeiramente estudados de harmonia com os pareceres dos diversos intervenientes no seu fazer.

Quando chegavam às mãos dos pregoeiros já iam com todos os encargos do custo, comissões, alcaudas processuais e a maquia devida que era previamente estipulada.

As facilidades resultantes desse praceamento incessante e alucinante eram alardeadas pelos especuladores, numa fantástica gritaria publicitária, que era um alarido suficiente para abafar os gemidos e queixumes dos espoliados.

Havia ainda uma percentagem de agentes que fançavam voraz e contentavam-se com pequenas lambetas que caiam das mãos dos beneficiados só por farejarem algum lote esquecido e ressoso aparente.

Felizmente que tudo isto foi um sonho, um pesadelo horrível, uma alucinação imaginária, que, ainda hoje, pergunto a mim mesmo, porque me ocorreu tal devaneio sonial.

R. P.

AVIÁRIO

VENDE-SE toda a existência de um aviário (galinhas, chocadeiras, pintos, etc.).

Tratar com Gervásio Neto de Sousa — Barreiras Brancas — LOULÉ.

Secretaria Notarial de Loulé

SEGUNDO CARTÓRIO A CARGO DO NOTÁRIO SALVADOR RODRIGUES MARTINS PONTES

CERTIFICO, para efeitos de publicação, que na escritura de doze de Novembro de mil novecentos sessenta e quatro, lavrada de folhas 6 verso, a folhas 8, do livro de notas número 14-A — para escrituras diversas, deste Cartório, (uma escritura de justificação) compareceram como justificantes Francisco Dias dos Santos, Gertrudes da Conceição Correia, proprietários, residentes no sítio da Patá de Baixo, freguesia e concelho de Albufeira, e como confirmantes das respectivas declarações António dos Santos, casado, residente no sítio da Patá, freguesia de Boliqueime, deste concelho; Francisco da Encarnação, casado, residente no referido sítio da Patá de Baixo, freguesia e concelho de Albufeira, e José Martins Antão, casado, residente no mesmo sítio e freguesia, estes três proprietários.

Que os justificantes nos termos do artigo cento noventa e oito do Código de Registo Predial, declararam que com exclusão de outrem, são donos e legítimos possuidores do prédio seguinte: Couraça de areia de pequena cultura, com algumas figueiras e vinhos no sítio dos Foros, nas Várzeas de Quarteira, denominada «PORTO DA AREIA», na dita freguesia de Albufeira, que confina no nascente e norte com José de Brito da Manta e Silva, poente com herdeiros de José Adrião e sul com mar, inscrita na respectiva matriz rústica sob o artigo quatro mil quinhentos vinte e três (anterior cinco mil quinhentos vinte e cinco) com o rendimento colectável de cinquenta e um escudos e o valor matricular de mil e vinte escudos, não descrita na Conservatória do Registo Predial do concelho de Albufeira.

Que o prédio em referência foi comprado pelo justificante marido há mais de trinta anos, precisamente em Janeiro de mil novecentos trinta e três, a Francisco de Brito da Manta Sobrinho, divorciado, proprietário, residente no sítio do Monte Chôro, da freguesia de Albufeira, pelo preço de oitocentos escudos, tendo sido pago a respectiva sisa pelo conhecimento número octenta de vinte e dois de Março de mil novecentos e sessenta, e desde esse ano de mil novecentos trinta e três eles justificantes, têm-no

possuído em nome próprio, pública, pacífica e continuadamente, adquirindo-o por prescrição, não tendo outro título de aquisição para prova do seu direito de propriedade, por o respectivo contrato de compra e venda não ter sido deduzido a escrito e entreter ter falecido o vendedor.

Os declarantes confirmam as declarações feitas pelos justificantes.

Para constar se passou a presente certidão de narrativa e teor parcial, que vai conforme ao original, não havendo na parte omitida nada que ampute, restrinja, modifique ou condione, a parte transcrita.

Loulé, doze de Novembro de mil novecentos sessenta e quatro.

O Notário,

Salvador Rodrigues Martins Pontes

Esclarecimento

O sr. José de Brito da Manta, do Arleiro, faz publicar no penúltimo número deste jornal um agradecimento em que a verdade não é suficientemente esclarecida, dando origem a que terceiras pessoas tirem da ilações que não estão no ânimo do signatário, o qual aliás não pretende desmentir a verdade dos factos apontados por aquele senhor, mas apenas esclarecer que os serviços do automóvel do sr. Brito foram solicitados no momento exato em que o signatário se encontrava sem sentidos e portanto carecido de socorros urgentes.

Por natural instinto de solidariedade humana, as pessoas que presenciam o desastre pediram auxílio a quem se encontrava mais próximo do local e fizem-no porque não tinham conhecimentos bastantes para discernir se se tratava de leves escoriações ou de graves lesões internas — e dai a má impressão causada pela atitude tomada por aquele senhor.

Várias pessoas se dirigiram ao signatário estranhando a confusão de afirmações contradiatórias — e só por isso se presta este esclarecimento.

Arieiro, 16 de Novembro de 1964

Eduardo Pires Bonifácio

Justificação

Certifico, para efeitos de publicação, que no Primeiro Cartório da Secretaria Notarial de Loulé, a cargo do notário Licenciado José Alves Maria, se encontra exarada uma escritura de justificação notarial, no livro de notas para escrituras diversas, número dezenove - C, de folhas cinqüenta e quatro, verso, a folhas cinqüenta e sete, outorgada no dia cinco do mês corrente, na qual João Marques Fernandes, empregado de escritório (correspondente), e mulher, Delfina Maria de Azevedo Fernandes, doméstica, residentes em Lisboa, na Rua Fidalgo de Almeida, número quarenta, terceiro, direito, se declararam, com exclusão de outros, donos e legítimos possuidores de uma couraça de terra de areia e de semear, com figueiras e vinha, no sítio dos Cavacos, freguesia de Quarteira, deste concelho de Loulé, que confina no nascente com Manuel Eliseu (antes com João Martins Julião), do norte com Manuel Eliseu e outros, do poente com Maria Catarina e do sul com caminho, inscrita na matriz predial respectiva, em nome do justificante João Marques Fernandes, sob o artigo mil seiscentos quarenta e três, com o valor matricular de quatro mil e duzentos escudos, e a que atribuiram o de sessenta mil escudos.

Que o referido prédio não se encontra descrito na Conservatória do Registo Predial deste concelho.

Que este prédio lhes pertence por ter sido comprado pelo justificante marido, pelo preço de sessenta mil escudos, a Manuel Rosa, marítimo, e mulher, Maria Dias de Jesus, doméstica, residentes no sítio dos Cavacos, referida freguesia de Quarteira, por escritura lavrada no dia cinco do mês em curso, de folhas sessenta e três, verso, a folhas sessenta e cinco, verso, do livro número dezenove - A, de notas para escrituras diversas, deste Cartório.

Que, por força do disposto no artigo treze, número um, do Código do Registo Predial, não é aquela escritura título bastante para o registo, mas a verdade é que os transmissores, referidos Manuel Rosa e mulher, eram os titulares do direito de propriedade vendido, também com exclusão de outrem, por o haverem comprado em mil novecentos trinta e sete, a Francisco de Sousa, marítimo, e mulher, Isabel da Conceição, doméstica, residentes no referido sítio dos Cavacos, pelo preço de quinhentos escudos, por contrato meramente verbal.

Que, por falta desta escritura de compra, não lhes é possível comprovar esta aquisição pelos meios normais.

Que as declarações supra foram confirmadas por Francisco de Sousa Pontes, industrial, José Coelho, proprietário, e José Coelho Júnior, industrial e proprietário, todos casados, residentes na povoação e freguesia dita de Quarteira.

Está conforme ao original na parte extractada, nada havendo naquele em contrário ou além do que se certifica e transcreve.

Secretaria Notarial de Loulé, nove de Novembro de mil novecentos sessenta e quatro.

O notário,
José Alves Maria

A construção do novo Edifício para a Escola Técnica

(Continuação da 1.ª página)

cidade de Faro, cujo Liceu foi construído «longe» mas que abriu novas e vastas perspectivas à expansão da cidade e se integrar completamente no seu conjunto.

Creio poder afirmar que a construção do novo Liceu e do Mercado forá da área central de Faro contribuiram decisivamente para que naquelas zonas se erguessem uma autêntica nova cidade, que é hoje o orgulho dos farenses.

Por isso, entendo que, colocar a Escola Técnica dentro do Parque é, positivamente, desperdiçar uma oportunidade impar de fomentar o progresso urbanístico de Loulé, pois a Vila não poderá alargar-se dentro do Parque nem em redor da Escola.

O que Loulé precisa, realmente, é que sejam rasgados novos e mais amplos horizontes em sua volta, para que possam ser criadas zonas residenciais e se proporcione aos louletanos a possibilidade de «construir na sua terra».

Há muito quem queira edificar em Loulé mas emprega o seu dinheiro em casas que se situam em Faro, Almada, Lisboa, Baixa da Banheira, etc. porque não consegue encontrar em Loulé quem lhe venda terreno em razão das condições de situação e preço.

Antes de se pensar no Parque Municipal para edificar uma Escola, parece-nos que seria preferível enviar todos os esforços no sentido de se abrir a projectada estrada de circunvalação e fazer daí o ponto de partida para um Loulé maior, sem necessidade de se escostarem prédios modernos a velhos murros nem esborrar o sonho dum Estádio no conjunto de um belo Parque, dentro do qual este melhor se harmonizará com uma Piscina ou um Parque Infantil do que com uma Escola.

Eu bem sei que o terreno do Parque é propriedade da Câmara, é plano e já tem ruas e que urbanizar novas zonas implica a criação de muitos e complexos problemas cuja solução exige muita persistência e muita trabalho, porque é preciso sondar condições, comprar ou talvez expropriar terrenos.

Tudo isso exige muito esforço e elevada dose de boa vontade. Pois exige realmente, mas não

aceito que seja muito poético propor-nos à juventude que venga a frequentar a Escola Técnica aprazíveis lugares ajardinados para estudo, recreio e até para os seus devaneios amorosos.

Mas reparo que a Escola Técnica

AS TERMAS da Fonte Santa

(Continuação da 4.ª página)

desde há muitos séculos que o povo acredita e verifica os resultados, quase milagrosos, dessa «Santa».

Na realidade, está provado que os Romanos já a utilizavam e também os Mouros.

Embora se diga que as termas «passaram de moda», a verdade é que a hidroterapia continua e continuará a ter grande número de adeptos, não só entre os que a acorrem, mas também entre os médicos. Acresce o facto de, sendo os atractivos das praias o que mais fez diminuir a afluência às termas, a Fonte Santa, pela sua situação a dois passos do Mar e da magnifica praia de Quarteira desfruta de uma situação privilegiada.

Os planos de instalação do establecimento termal já estão feitos?

O anteprojecto já deu entrada nas repartições competentes e aguarda aprovação, que certamente lhe não será negada. A «Sotaqua» tudo fará para que o complexo termal da Font

Notícias pessoais

ANIVERSARIOS

Fazem anos em Novembro:

Em 6, o menino Nuno José Martins Soares Louro.

Em 10, o menino Dominique das Neves, residente em França.

Em 16, o menino Jaime Carrusca Lampreia, residente em França.

Em 17, a menina Isabel Maria Rodrigues Laginha Ramos e o sr. Manuel José Mendes Barreiros.

Em 18, o menino Armando Carrusca Lampreia, residente em França.

Em 19, a sr.ª D. Antonieta Garcia Gonçalves, residente em Setúbal, os srs. Manuel Gonçalves Cachola, José João Valério Esteves e a menina Isabel Marig Rodrigues Guerra.

Em 20, o sr. José Mendonça Horta e o menino Walter Ricard Guerreiro da Piedade Caracol e o sr. Manuel Amaro.

Em 21, os srs. Capitão António Alberto Carrilho Cavaco, residente em Moçambique e José João Melro, residente em Almancil-Gare e a menina Maria Paula Sá Pereira Pinto.

Em 22, o sr. João Júlio Lima de Oliveira e o 1º sargento sr. Filomeno José Correia Almeida, residente em Moçambique.

Em 23, a sr.ª D. Maria das Dores Cristóvão da Piedade Pinto Lopes, residente em Lisboa, o sr. José Cavaco Vieira, residente em Alentejo, e a menina Maria Rosa Serafim Campina, residente em Lisboa.

Em 24, as sr.ªs D. Francisca Dias da Piedade Formosinho, D. Bárbara da Conceição Coelho Guia, residente em Grandola e D. Maria Esteves Farrajota Bento e o sr. Manuel José Brito da Mano e as sr.ªs D. Maria Graciela Domingues e D. Maria da Glória dos Santos Paulino.

Em 25, a sr.ª Dr.ª D. Maria Júlia Nascimento Costa.

Em 26, a sr.ª Dr.ª D. Maria Lise Viana Pinto Lopes Elias Garcia, residente em Faro, as meninas Albertina Maria da Silva Filhó, Maria Felismina Gomes Coelho e o sr. José Manuel Martins de Sousa Eusébio.

Em 27, a sr.ª D. Felismina entre Pires e os srs. João António dos Santos Delgado e Valdemar Romeiras Herculano, residente em Moçambique.

Em 28, a sr.ª D. Maria do Carmo Coelho Corpas, residente em Lisboa, os srs. Modesto Guerreiro e Luis Henrique de Sousa Clemente.

Em 29, as meninas Dilia Maria da Silva Clemente e Maria Rosa Eusébio de Ascensão.

Em 30, a sr.ª D. Maria Augustina Cabral Canelas e o sr. José Francisco Costa.

PARTIDAS E CHEGADAS

Acompanhado de sua esposa, esteve em Loulé o nosso prefeito amigo e dedicado assinante sr. Dr. Ventura Rocheta Gomes, Conservador do Registo Civil de Olhão.

Tivemos o prazer de cumprimentar nesta vila o nosso estimado conterrâneo e categorizá-lo fotógrafo sr. Afonso Falcão Silva Nogueira, cujos conhecimentos profissionais são garantia segura dos trabalhos que forem confiados à «Foto-Optica Lougão», de Olhão, onde aquele nosso amigo fixou residência após 20 anos de ausência na Capital.

Acompanhado de sua esposa, a nossa conterrânea sr.ª D. Joana dos Santos Mata Pereira, esteve alguns dias em Loulé o nosso prefeito amigo sr. José Dias Pereira.

Regressou há dias de Paris, onde foi frequentar um curso de arte de pentear, a nossa conterrânea e dedicada assinante sr.ª D. Ana Maria Vairinhos Dias, cabeleireira em Lisboa.

ALEGIAS DE FAMILIA

João Paulo, é o nome do robusto bebé nascido na Clínica do

EDITAL

PAGAMENTO DE CONTRIBUIÇÕES — 1963

Durante todos os dias úteis do próximo mês de DEZEMBRO encontra-se à cobrança, à boca do cofre, nas Tesourarias da Fazenda Pública os seguintes impostos:

IMPOSTO COMPLEMENTAR — SECCAO A — 1963

IMPOSTO COMPLEMENTAR — SECCAO B — 1963

O imposto deverá ser pago durante o mês de DEZEMBRO, do ano seguinte àquele a que respeita.

Não sendo pago o imposto no mês do vencimento, começarão a correr imediatamente JUROS DE MORA.

Passados 60 dias sobre o vencimento do imposto sem que se mostre efectuado o respectivo pagamento, haverá lugar a procedimento executivo.

Para constar se passou o presente e idênticos que vão ser tornados públicos, afixados na Tesouraria da Fazenda Pública e na Repartição de Finanças.

sr. Dr. Manuel Cabeçadas, no dia 11 de Outubro e de que são pais a sr.ª D. Maria de Lurdes Neves Carvalho Oliveira e Sousa e o nosso conterrâneo e prezado amigo sr. Vicílio Manuel Oliveira e Sousa.

Endereçamos os nossos parabens aos felizes pais e avós e desejamos as maiores venturas para o recém-nascido.

BAPTISMO

Na Igreja Matriz de Loulé realizou-se no passado dia 26 de Outubro a cerimónia do baptismo do menino Henrique José, filho do nosso prezado amigo e estimado assinante sr. Dr. Jacinto Duarte e de sua esposa sr.ª D. Maria José B. Duarte.

Apadrinharam o acto o sr. Dr. Jorge de Abreu e Silva e sua esposa sr.ª D. Maria Cariota Abreu e Silva.

Após a cerimónia, foi servido um finíssimo e abundante «copo de água» em casa dos pais do neftito.

FALECIMENTOS

Com a bonita idade de 98 anos, faleceu em casa de sua residência nesta vila, no passado dia 10 do corrente, o nosso conterrâneo sr. João Guerreiro Matos Lima, proprietário, viúvo da sr.ª D. Adelaida do Carmo Cavaco Matos Lima e pai do nosso prezado assinante sr. Manuel Guerreiro Matos Lima, proprietário, casado com a sr.ª D. Cecília Ascenção Carrilho Lima, professora aposentada; da sr.ª D. Elisa Guerreiro Matos Lima Salgadinho, casada com o sr. Manuel Miguel Salgadinho e do sr. António Guerreiro Matos Lima (falecido) e avô das sr.ªs D. Maria Odete Matos Lima Salgadinho Santos e D. Noémia Guerreiro Matos Lima Aranha e dos srs. Leopoldo Torres Santos, Inácio do Nascimento Aranha e José João Guerreiro Matos Lima.

Devido a uma congestão cerebral, faleceu há dias no Hospital de Loulé, o nosso conterrâneo sr. Manuel Silvério Marques, abegão, de 58 anos de idade, que deixou viúva a sr.ª D. Genoveza Sousa Ribeiro e era pai das sr.ªs D. Valentina Silvério Marques da Silva, casada com o sr. Manuel Martins da Silva, viúva da U.M.A.L. e D. Josefina Silvério Marques e do sr. João Silvério Marques e irmão das sr.ªs D. Adelina Silvério Marques e D. Florinda Silvério Marques e do sr. José Silvério Marques.

Com a idade de 59 anos, faleceu nesta vila no passado dia 1º do corrente, o sr. Adelino dos Santos Floro, comerciante, que deixou viúva a sr.ª D. Maria das Dores Godinho dos Santos e era pai do sr. Joaquim Adelino Godinho dos Santos, funcionário da Câmara de Loulé, casado com a sr.ª D. Maria de Lourdes Sousa dos Santos e das sr.ªs D. Rosália Maria Godinho Floro e D. Maria Adelina dos Santos Floro, casada com o nosso dedicado assinante sr. Manuel Henrique Passos e do sr. José Silvério Marques.

As nossas festas sempre tiveram e continuam a ter a simpatia do povo, que as sente como verdadeiramente suas porque lhes dão a sensação de poder esquecer as suas dificuldades quotidianas. E sempre atraíram forasteiros ávidos de bons espectáculos que lhes eram proporcionados através de elegantes cortejos que primavam e podiam ainda primar pela distinção e bom gosto.

Em vez de descer, o nível artístico das nossas festas poderá ultrapassar aquelas características que bastaram para lhes dar bom nome e merecida fama que de há muito vêm gozando. Basta que os louletanos queiram e que haja quem os ajude. A época actual é muito mais rica em possibilidades técnicas e de conceção do que as épocas passadas.

Não deverá ser considerada a colaboração daquelas que de qualquer modo pretendam diminuir o esplendor de uma festa cujas tradições características devem ser mantidas, pois só assim Loulé poderá continuar a afirmar-se com aquela galhardia das que sabem impor-se pelos próprios méritos.

E inegável que as dificuldades são cada vez maiores e que as decisões rareiam cada vez mais. E certo que os velhos «carolas» começam a estar cansados — cansados de tanto esforço dispensado; cansados de tantos sacrifícios feitos; cansados de tanta incomprensão e má vontade e cansados, alguns deles, da ingratidão dos homens. Mas, assim mesmo, animados pela satisfação do dever cumprido, ainda serão capazes de continuar lutando pelo bom nome da terra que tanto estimam. E podiam fazê-lo sem grandes esforços: bastava incentivar nos jovens o amor pelas coisas do Carnaval, Ajudá-los com a sua experiência; orientá-los com o seu saber; ampará-los com o seu conselho paternal; incutir-lhes confiança em tarefas de responsabilidade; iniciá-los na orgânica da complexa estrutura que é preciso montar para que a festa não seja um fracasso; convidá-los a desempenhar função para que estejam aptos; colocá-los em situações em que tenham de pôr à prova um espírito de iniciativa e dinamismo que deve ser uma característica da juventude, daquela juventude que tem necessidade de sentir o peso das responsabilidades para saber enfrentar os revezes da vida.

E necessário chamar os jovens às fileiras do bairrismo para incentivar neles amor pelo território natural, para que se não extinga a chama ardente de um ideal regionalista, forjando-se assim a possibilidade de surgirem «carolas novas».

Eles devem ser convidados a colaborar para desenvolver as suas ideias proveitosas e o seu trabalho útil. Ou será que não se conseguirá encontrar jovens dis-

O APROVEITAMENTO TERMAL da FONTE SANTA



O Sr. A. de Castro e Sousa, Administrador-Delegado da «Sotaqua» explica-nos pormenores do Plano

(Continuação da 1.ª página)

O Carnaval aproxima-se

(Continuação da 1.ª página)

ficará completa a obra de desagregação que vem a processar-se na nossa terra e que tanto têm prejudicado no conceito das de-

mais.

E portanto ainda acreditamos na boa vontade dos homens e no seu espírito de compreensão e tolerância. Estamos animados da esperança de que há-de realizar-se uma união de esforços para que seja retomada a tradição e com o brilhantismo que caracterizou as nossas festas nos seus aureos anos.

Agora, tal como outrora, o Carnaval de Loulé pode ser uma manifestação de acentuado bom gosto e de requintada beleza. Ou será que se esgotou a nossa capacidade criadora?

As nossas festas sempre tiveram e continuam a ter a simpatia do povo, que as sente como verdadeiramente suas porque lhes dão a sensação de poder esquecer as suas dificuldades quotidianas. E sempre atraíram forasteiros ávidos de bons espectáculos que lhes eram proporcionados através de elegantes cortejos que primavam e podiam ainda primar pela distinção e bom gosto.

Em vez de descer, o nível artístico das nossas festas poderá ultrapassar aquelas características que bastaram para lhes dar bom nome e merecida fama que de há muito vêm gozando. Basta que os louletanos queiram e que haja quem os ajude. A época actual é muito mais rica em possibilidades técnicas e de conceção do que as épocas passadas.

Não deverá ser considerada a colaboração daquelas que de qualquer modo pretendam diminuir o esplendor de uma festa cujas tradições características devem ser mantidas, pois só assim Loulé poderá continuar a afirmar-se com aquela galhardia das que sabem impor-se pelos próprios méritos.

E inegável que as dificuldades são cada vez maiores e que as decisões rareiam cada vez mais. E certo que os velhos «carolas» começam a estar cansados — cansados de tanto esforço dispensado; cansados de tantos sacrifícios feitos; cansados de tanta incomprensão e má vontade e cansados, alguns deles, da ingratidão dos homens. Mas, assim mesmo, animados pela satisfação do dever cumprido, ainda serão capazes de continuar lutando pelo bom nome da terra que tanto estimam. E podiam fazê-lo sem grandes esforços: bastava incentivar nos jovens o amor pelas coisas do Carnaval, Ajudá-los com a sua experiência; orientá-los com o seu saber; ampará-los com o seu conselho paternal; incutir-lhes confiança em tarefas de responsabilidade; iniciá-los na orgânica da complexa estrutura que é preciso montar para que a festa não seja um fracasso; convidá-los a desempenhar função para que estejam aptos; colocá-los em situações em que tenham de pôr à prova um espírito de iniciativa e dinamismo que deve ser uma característica da juventude, daquela juventude que tem necessidade de sentir o peso das responsabilidades para saber enfrentar os revezes da vida.

E necessário chamar os jovens às fileiras do bairrismo para incentivar neles amor pelo território natural, para que se não extinga a chama ardente de um ideal regionalista, forjando-se assim a possibilidade de surgirem «carolas novas».

Eles devem ser convidados a colaborar para desenvolver as suas ideias proveitosas e o seu trabalho útil. Ou será que não se conseguirá encontrar jovens dis-

(Continuação da 1.ª página)

— Não há exagero em afirmá-lo. De facto, uma portaria de 20 de Janeiro de 1963, assinada pelo Senhor Subsecretário da Indústria, mediante parecer favorável da Direcção Geral de Minas, concedeu à «Sotaqua» o direito de prospecção hidrológica da Fonte Santa, trabalhos que deveriam estar concluídos dentro do prazo de 2 anos a contar dessa data. Pretendemos respeitar esse prazo e transformar aquela zona num autêntica estância termal do mais elevado nível.

— Temos visitado últimamente a Fonte Santa e reparado na actividade ali desenvolvida pela «Sotaqua» e por isso temos curiosidade em saber como estão decorrendo os trabalhos ali executados.

— Os trabalhos de prospecção hidrológica estão sob a competente orientação do engenheiro de minas sr. Artur Augusto da Fonseca e encontram-se praticamente concluídos.

Os resultados excederam as expectativas mais optimistas, pois o caudal de água mineral-medicinal da Fonte Santa é abundantíssimo e as suas qualidades curativas foram científicamente confirmadas pelas maiores autoridades nessa matéria, entre as quais podemos incluir o nome do conhecido médico hidrologista Dr. Ascenção Contreras, nosso

— Nesse caso, Sr. General, está provado que o povo tem soberanas razões para acreditar nos benefícios dos banhos da Fonte Santa?

— Não há dúvidas de que o povo tem razão. De resto, contra que muita gente supõe, o povo muito raramente se engana. E,

(Continuação na 3.ª página)

Energia e Persistência

Com a intenção de bater o recorde mundial de permanência sobre uma bicicleta em movimento, esteve em Loulé o sr. Evaristo Neto, que proporcionou aos louletanos a oportunidade de assistirem a um acontecimento único no nosso meio: um ciclista a percorrer ininterruptamente a Avenida José da Costa Mealha, em marcha de passeio durante 65 horas consecutivas.

Numa autêntica prova de resistência que é um desafio à integridade do homem, durante quase 3 dias o sr. Evaristo Neto percorreu a nossa Avenida sem parar, sem dormir e comendo o mínimo possível.

Parece inacreditável alguém poder realizar tão grande esforço físico... apenas para cometer uma proeza invulgar.

O persistente ciclista pretendia bater o recorde mundial que é de 78 horas mas não resistiu à dura prova e teve que desistir ao completar as 65 horas.

— Nossa admiração é grande por este esforço de persistência.

— Não acreditamos que os jovens nos desiludem.

— Não acreditamos que os jovens nos desiludem.